

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



*A Águia*, Porto, 1912 – 1932

Inicialmente assumida como uma “revista quinzenal, ilustrada de literatura e crítica” e, a partir da segunda série, como uma “revista mensal de Literatura, Arte, Ciência, Filosofia e Crítica Social”, a *Águia* é passível de ser analisada a partir de diferentes perspectivas, incluindo a historiográfica. Para além de constituir uma fonte privilegiada para o estudo da produção artístico-cultural portuguesa, sobretudo no que respeita à vertente literária, esta publicação multidisciplinar permite ainda aprofundar conhecimentos sobre figuras maiores do pensamento português contemporâneo, tais como Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra ou António Sérgio, que de distintas formas interpretaram o passado e o porvir português.

Publicada entre 1 de Dezembro de 1910 e Maio/Junho de 1932, a *Águia* conheceu cinco séries. Se da primeira série, dirigida por Álvaro Pinto, saíram dez números (Dezembro de 1910-Julho de 1911), a segunda, a mais relevante, que teve em Teixeira de Pascoaes o seu director, publicou-se entre Janeiro de 1912 e Outubro de 1921, num total de cento e vinte números. Da terceira série (1922-1927), dirigida por Leonardo Coimbra, fizeram parte sessenta números. A quarta série compôs-se de doze números (Janeiro de 1928-Dezembro de 1929) e conheceu diferentes directores (Hernâni Cidade, Leonardo Coimbra, Teixeira Rego e António Carneiro). Existiu ainda uma fugaz quinta série (Janeiro-Junho de 1932), que recebeu os esforços directivos de Leonardo Coimbra, Sant’Anna Dionísio e, a partir do segundo número, Aarão de Lacerda e Delfim Santos. Este periódico de orientação republicana teve entre as suas principais ambições contribuir para a construção de um Portugal renovado. Até Julho de 1911, dedicado ao poeta António Nobre, a *Águia*, que ainda não se tornara órgão da Renascença Portuguesa, distinguiu-se pela divulgação de poesia e prosa portuguesa inédita, assim como de textos de crítica literária que ajudam a delinear um mapa do panorama literário de então. A atestar que os interesses da revista extravasavam o que se produzia no país está a constatação de que, ao longo dos dez números que compõem a primeira série, não rarearam artigos versando sobre temáticas artístico-literárias estrangeiras. Logo no nº 2, saíram textos de Veiga Simões, Teixeira de Pascoaes e Sampaio Bruno dedicados ao recém-falecido Tolstói. No número seguinte, de Janeiro de 1911, em que Miguel de Unamuno iniciou a sua colaboração com a revista, Sampaio Bruno assinava um ensaio acerca da recepção de Galileu em Portugal. Para não multiplicar os



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

exemplos, no sexto número, se Pascoaes dava à estampa um artigo sobre Victor Hugo, Reis Machado dedicava-se ao tema “Fichte e o Renascimento Alemão”.

É relevante realçar que desde o primeiro número da *Águia* sobressaiu o interesse por temas envolvendo a justiça social e a educação popular. Para avivar esse interesse deveras deve ter contribuído a revolução republicana, que trouxe a diversos colaboradores da revista uma esperança de mudança política propiciadora de uma substancial melhoria das condições de vida da população. No primeiro número, de Dezembro de 1910, Teixeira de Pascoaes, numa coluna justamente intitulada “Justiça Social”, discorria sobre a precária situação dos lavradores caseiros, enquanto Leonardo Coimbra realçava o papel social da educação e Raul Proença, problematizava o papel social da arte. Já no segundo número, Ângelo Vaz reflectia sobre as crianças e a República, defendendo que o grau de civilização de uma sociedade moderna se avaliava pelos cuidados dedicados às crianças desfavorecidas (e que era esse trabalho que o Portugal republicano tinha por missão desenvolver). Por fim, no quinto número, de 1 de Fevereiro de 1911, o citado Leonardo Coimbra focava-se no problema da educação, ao alertar que urgia munir os portugueses, atrasados em tantos aspectos, da mais profunda riqueza espiritual, o saber. A maioria dos colaboradores da primeira série da *Águia* apelava à mobilização dos artistas e dos intelectuais na crença de que a arte era um exercício segundo o qual era possível pôr em prática uma educação em liberdade. Por outro lado, acreditava-se que a difusão das artes constituía uma estratégia da solidariedade e coesão social e nacional (Norberto Cunha, “A Génese da *Renascença Portuguesa* perante a crise política e moral da I República”, *Crises em Portugal nos século XIX e XX*, p. 160).

A partir do momento em que se tornou órgão da Renascença Portuguesa, cresceu nas páginas da *Águia* uma preocupação no que concernia à transformação do país a nível tanto a nível moral, intelectual e espiritual, como material e económico. Havia na origem da Renascença Portuguesa o sentimento de que a República carecia de “conteúdo renovador e fecundo” (Pinharanda Gomes, *A Renascença Portuguesa - Teixeira Rego*, p. 17). No lançamento da segunda série, em Janeiro de 1912, Pascoaes traçava o rumo desta revista que passara a dirigir (abandonaria a direcção em 1917, e desde essa altura que a publicação declinou em termos de substância e conteúdo), salientando que se procurava um sentido para as energias intelectuais da raça portuguesa, “criar um novo Portugal, ou melhor ressuscitar a pátria portuguesa” (“Renascença”, *Águia*, II série, nº 1, Janeiro, 1912, pp. 1-3). O trabalho renovador a que se propôs a Renascença não se resumiu à dinamização de periódicos como a *Águia* ou a *Vida Portuguesa* (que existiu entre 1912-1915 e teve como director Jaime Cortesão). Promoveu-se igualmente a cultura do povo português (entre operários e comerciantes, por exemplo) não só através de um intenso trabalho editorial (que resultou na publicação de perto de três centenas de obras), como da dinamização das chamadas universidades populares, de conferências e de sessões de leitura que tiveram lugar em várias regiões do país. Na *Águia* encontrou Teixeira de Pascoaes um espaço privilegiado para dar expressão ao ideal



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

saudosista. Caracterizada pelo poeta amarantino como personalidade eterna da raça e como renascença pelo instinto emotivo do povo, a Saudade, conceito metafísico, filosófico e político que expressava a alma lusitana, visava a regeneração de um país decadente, o regresso ao esplendor, o fortalecimento da nacionalidade portuguesa que retomaria o espírito dos Descobrimentos (*O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, 1912.). Fomentando a educação popular e a justiça social, contra influências estrangeiras, contrárias ao carácter étnico português, pugnava Pascoaes por uma restauração nacional de cariz moral e espiritual (“Ao Povo Português – A Renascença Portuguesa”, *Vida Portuguesa*, nº 22, 10/2/1914, pp. 10-12). Pascoaes não só julgava que a pátria era um ser espiritual, como acreditava que Portugal só seria livre enquanto fosse genuinamente português, como nos Descobrimentos, época histórica marcada pela coragem dos lusitanos. Portanto, de modo a recuperar a identidade nacional, havia que reforçar o culto das origens, cimentar o ensino da história de Portugal e o apego à ruralidade. Afirmando uma ideia messiânica do destino, o poeta sobrepuja a fé e a vontade aos critérios de racionalidade (Norberto Cunha, “A Génese da *Renascença Portuguesa* perante a crise política e moral da I República”, p. 164). Conquanto o papel de Pascoaes nesta revista tenha sido preponderante, sublinhe-se que outros autores ligados à Renascença se focaram em formas de restauração ou renovação nacional que, não desvalorizando as questões do espírito ou da alma, privilegiavam o desenvolvimento material. Patenteando uma convivência de orientações culturais e cívicas diversas, a polémica travada entre Pascoaes e António Sérgio, numa série de artigos publicados entre Outubro de 1912 e Julho de 1914 na *Águia*, ajuda a compreender os alicerces histórico-filosóficos da Renascença e da própria revista. António Sérgio, que repudiava as “frases humanamente inexplicáveis” e o sentido poético e até “absurdo” da filosofia de Pascoaes (“Regeneração e tradição moral e económica”, *Águia*, II série, nº 25, Janeiro de 1914, p. 7), enfrentava os problemas nacionais de acordo com modelos mais racionalistas. Reconhecia que as causas da decadência portuguesa eram morais e que se deveria privilegiar a educação, mas defendia uma educação científico-técnica, uma educação capaz de fomentar o progresso. Asseverava que o progresso moral dependia do progresso económico, da capacidade revelada por um país de se industrializar ou de reformar sectores fundamentais como o agrícola. Como Raul Proença, que também nas páginas da *Águia* enfatizou a urgência de pôr a sociedade portuguesa em contacto com o mundo moderno, com o que de mais importante sucedia no estrangeiro, continuava António Sérgio, alguns anos depois, a apostar na indispensabilidade de imitar países desenvolvidos como a Inglaterra ou a Alemanha, isto se fosse desejo dos portugueses combater o seu isolamento cultural ou a “ignorância geral do espírito” (“Alguns capítulos da legislação agrária do Reino Unido que convém conhecer em Portugal”, *Idem*, nº 88-90, Abril-Junho de 1919, pp. 148-155). De acordo com a perspectiva de António Sérgio, contrária à de Pascoaes (e de alguns dos principais nomes da Renascença, como Cortesão), a desejada regeneração nacional não adviria da invocação histórica ou da redescoberta da “alma lusitana”, uma vez que não eram as energias do passado que suscitavam as do



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

presente (“Regeneração e tradição, moral e economia”, *Idem*, nº 25, Janeiro de 1914, p. 6). Mesmo no que respeitava ao ensino da história, opunha-se ao historicismo e ao nacionalismo de prestígio dominante em Portugal, como se o passado fosse um entrave ao progresso, e fazia a apologia de uma disciplina histórica educadora das faculdades críticas, mas não apologética (Sérgio Campos Matos, “A Renascença Portuguesa - consciência histórica e intervenção cívica: 1911-1914”). Outros colaboradores da revista, como o engenheiro Ezequiel de Campos, que integrou a *Seara Nova* desde a sua fundação, perfilharam estas teses. Ezequiel de Campos conceberia inclusive *Pela Espanha*, obra publicada em 1916 pela Renascença com o objectivo de frisar a ideia de que o país, em tantos aspectos atrasado, tinha tudo a aprender com os espanhóis, particularmente na forma de organizar o trabalho. Resumindo as duas perspectivas (aparentemente antagónicas) que levariam ao renascimento de Portugal, se para Teixeira de Pascoaes importava despertar a consciência popular para o sentido e o valor do ser português, mergulhando nas antigas tradições que engrandeciam a obra da raça lusíada (sem deixar de lado o moderno espírito europeu), para intelectuais mais racionalistas como Proença ou António Sérgio, que encaravam o movimento da Renascença como sinónimo de modernização através de uma pedagogia cívica e que viam como prioritária a formação de uma elite empenhada em preparar uma opinião pública participativa, era crucial aderir a ideias postas em prática no estrangeiro, que contribuíssem para uma renascença que começaria por ser económica, política e social, antes de espiritual (*Teixeira de Pascoaes na revista A Águia*, p. 29).

Não obstante a heterogeneidade temática, a multidisciplinaridade e até as divergências que intelectualmente afastaram colaboradores da revista, encontra-se uma forma de olhar ou de interpretar a história que, não tendo sido consensual, como se atesta pela leitura dos escritos de António Sérgio, foi partilhada por diferentes autores da *Águia*. Começando por aludir a um ensaio de Jaime Cortesão intitulado “A Renascença e a História Pátria”, verifica-se que, contra uma história de factos e de datas e professando a ideia de que os estudos históricos constituíam uma expressão de patriotismo, o historiador e poeta considerava fundamental que se aproveitasse a onda de energia e progresso, trazida por uma República que resgatara a “alma pátria” do coma, para proceder ao ensino do “Espírito Lusitano” nas escolas primárias e secundárias (e também fora das escolas) e assim colaborar para a nacionalização cultural dos portugueses. Esse “Espírito” remetia para os Descobrimentos e consubstanciava-se na acção do “Povo” na história, no esforço dos humildes e na glória dos heróis. Confessando-se influenciado pela *História da Civilização Ibérica* (1879), de Oliveira Martins, enaltecia os feitos heroicos dos portugueses, o génio nacional e procurava analisar a evolução dos grandes traços civilizacionais nacionais, pelo menos desde a Expansão até à decadência presente (*Águia*, nº 9, Setembro de 1912). Num outro artigo, reforçando a convicção de que a história deveria exprimir um sentimento patriótico, Cortesão invocaria Oliveira Martins, o “historiador do génio”, para reafirmar a importância do misticismo, do heroísmo e do sentimento de



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

independência pessoal na definição da nacionalidade portuguesa (“Da Renascença Portuguesa e seus intuitos”, *Idem*, nº 10, Outubro de 1912, p. 122).

Em particular na fase mais fecunda da revista, entre 1912 e 1916, inúmeros foram os autores (como Jaime Cortesão, Sampaio Bruno, Damião Peres, Raul Proença, João Ameal, Hernâni Cidade, Delfim Santos ou Agostinho da Silva) e os textos de interesse historiográfico (se bem que muitos desses textos não passassem de recensões ou obituários). Destaca-se uma variedade de documentos cujo fundo não era alheio à procura de um passado de heróis, à redescoberta de uma glória colectiva. No número de Janeiro de 1912, António Sérgio, num texto intitulado “A ideação de Oliveira Martins”, exaltava as capacidades criativas ou imaginativas de um autor de que era bastante conhecedor, e que apelidava de “historiador-romancista”. De Teófilo Braga foram dados à estampa dissemelhantes textos, como “Na cela de San Yuste” (nº 5, Maio de 1912), breve narrativa ficcional sobre Carlos V, que num convento relembra os seus tempos de grandeza e saboreava o confinamento a um espaço fechado, ou “Renascença. Século XVI” (nº 14, Janeiro de 1913) e “A Revolução de 1640” (nº 41, Maio de 1915). Singular é o ensaio “As grandes épocas sociais têm por síntese uma epopeia”, de Agosto de 1914, em que Teófilo Braga retomava uma ideia grata à Renascença, e já encontrada nos referidos textos de Cortesão: a de que havia momentos da história em que a acção colectiva se conjugava numa aspiração comum ou num ideal situado acima da luta das paixões e dos interesses pessoais, que originava uma alma colectiva cuja expressão completa era a epopeia. Intelectualmente próximo de Pascoaes, referindo-se à *añoranza*, equivalente galego encontrado para a nostalgia ou tristeza, o lusitanista catalão Ribera i Rovira foi correspondente da *Águia* entre 1912 e 1919, e publicou duas conferências, “A Educação dos povos peninsulares” (1912) e *O Génio peninsular* (1914), pela chancela da Renascença Portuguesa. Em “A Educação dos povos peninsulares”, que saiu na revista em Maio de 1912, Rovira defendia a conveniência de aproximação das três pátrias que, à boa maneira dos iberistas catalães, dizia existirem na Península Ibérica (Castela, Catalunha e Portugal). Argumentos para uma futura federação ibérica, como o fundo civilizacional comum e o “génio peninsular”, não lhe faltavam. Lendo o que Rovira publicou na *Águia*, sobressai uma vez mais a influência de Oliveira Martins, que tão importante foi para uma série de iberistas culturais portugueses e espanhóis. Rovira citava e caracterizava Martins como “alto espírito ibérico [que] definia admiravelmente a alma castelhana” (“A Catalunha”, *Idem*, nº 21, Setembro de 1913). Outro texto que se enquadra no que representou a *Águia* em termos historiográficos é “Os Descobrimientos dos portugueses e a viagem de Magalhães”, do escritor e diplomata Alberto de Oliveira. Nesse texto (Novembro de 1920), versão de um discurso pronunciado no Teatro Municipal de Santiago do Chile, por ocasião do 4º Centenário da viagem de Magalhães, retomava o interesse pela história civilizacional que se materializava na busca da origem da raça e na exaltação de um passado glorioso povoado de heróis. Como tantos outros autores, alguns deles aqui citados, não desprovido de uma grande carga messiânica, negava Alberto d’ Oliveira que existisse na “história colectiva da



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Humanidade” acontecimento de maior significação para a “marcha da civilização” do que os Descobrimientos levados a cabo pelos “Navegadores e Conquistadores da Nova Raça”. Coragem, fé, força criadora, tenacidade, “intuição genial”, eis as palavras encontradas por Alberto d’ Oliveira para caracterizar heróis ibéricos como Cristóvão Colombo, Albuquerque, Cortez ou S. Francisco Xavier (*Idem*, nº 109-111, Janeiro-Julho de 1921).

Vislumbram-se várias afinidades entre alguns dos nomes citados no parágrafo anterior. Ainda que se tenha debruçado sobre temas como o iberismo ou as relações ibéricas quase sempre de forma literária e lírica, Teixeira de Pascoaes, à semelhança de Ribera i Rovira, referia-se a uma “Alma Ibérica” e repudiava o centralismo castelhano. Considerando as suas deslocações a Espanha e as cartas que trocou com dezenas de espanhóis, sabe-se que foi próximo de figuras públicas e intelectuais galegas e catalãs, assim como de autores como Miguel de Unamuno, a quem aliás recenseou nas páginas da *Águia* o livro *Por Terras de Espanha e de Portugal* (1911). Não é de somenos referir que o pensamento de Rovira reverberou nos escritos de outros portugueses, dos quais Alberto de Oliveira é exemplo. *Em Portugal y Galicia, nación, identidad étnica, histórica literaria, filológica y artística* (1911), o catalão destacaria as afinidades existentes entre Portugal e a Galiza, regiões que apelidava de entidades artificiais por unirem-nas elementos étnicos, filológicos e mesológicos. Alberto de Oliveira, que exerceu as funções de cônsul no Brasil e se batia pelas boas relações entre Portugal, Brasil e Espanha, sustentava em *Pombos Correios* (1913), que era impossível explicar, geográfica, etnográfica ou historicamente, os motivos pelos quais a Galiza escapara de ser “como lhe competia, uma província portuguesa”. Meros filhos adoptivos de Castela, realçava, os galegos tinham no povo português a sua família legítima (*Pombos Correios*, p. 8). Também em sintonia com os federalistas catalães — escreveu até uma introdução para *Iberisme* (1907), de Ribera i Rovira—, Teófilo Braga conciliaria nos seus trabalhos escritos o sentimento de pátria com o de república federativa peninsular e latina e distinguiria os três tipos históricos e étnicos da Península: Portugal, Castela e Catalunha. Assim, desta teia de ligações e de influências se depreende que o interesse, tantas vezes manifestado por muitos dos autores que publicaram na *Águia*, pela “marcha da civilização”, pela colectividade, pela redescoberta da grandeza portuguesa (e ibérica), teve como profunda motivação um desejo de abertura ao exterior. Essa abertura, que deveria copiar o rasgar de horizontes dos Descobrimientos, remetia para o que Fernando Pessoa, nos ensaios publicados na *Águia* (“A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada”, saído em Abril de 1912, e “A Nova Poesia Portuguesa no seu Aspecto Psicológico”, lançado em três partes, em Setembro, Novembro e Dezembro do mesmo ano), descreveria como um “nacionalismo cosmopolita” que libertaria os portugueses da subserviência à cultura estrangeira e, ao mesmo tempo, os tornaria tão desenvolvidos (cultural e economicamente) quanto os estrangeiros. Tendo em conta que o federalismo ibérico interessava a estes autores, mesmo a Pessoa, vale a pena sublinhar que entre as motivações de qualquer formulação iberista estava o fim das subserviências, das dependências de países mais fracos em



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

relação a outros considerados mais fortes ou mais ricos. Pessoa, que criticava um país estagnado, que não se salvaria sem um confronto cultural necessário para a produção de civilização, o que desejou quem escrevia na *Águia* era, independentemente do enfoque escolhido, um Portugal resplandecente, independente, livre das crises, da decadência.

**Bibliografia activa:** *A Águia*, Órgão da Renascença Portuguesa, Porto, 1912-1932; BRAGA, Teófilo, “D’Iberisme”, in Ribera i Rovira, *Iberisme*, Barcelona, [s. n.], 1907, pp. 12-17; OLIVEIRA, Alberto d’, *Pombos Correios: notas quotidianas*, Coimbra, F. França Amado, 1913; PASCOAES, Teixeira de, *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, Porto, Tip. Costa Carregal, 1912; PASCOAES, Teixeira de, *Ao Povo Português – A Renascença Portuguesa*”, *Vida Portuguesa*, nº 22, 10/2/1914, pp. 10-12; PASCOAES, Teixeira de, *A Saudade e o Saudosismo (dispersos e opúsculos)*, Compilação, Introdução, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990; PASCOAES, Teixeira de, *A Arte de Ser Português*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998; PROENÇA, Raul, “Ao Povo – A Renascença Portuguesa”, *A Vida Portuguesa*, ano 1, nº 22, 10/2/1914, pp. 11-12; ROVIRA, Ribera i, *O Génio Peninsular*, conferência de 1907, na Sociedade João de Deus, de Abrantes, Porto, Edição da Renascença Portuguesa, 1907; ROVIRA, Ribera i, *Portugal y Galicia nación, identidad étnica, histórica literaria, filológica y artística*, Barcelona, R. Tobella, 1911.

**Bibliografia passiva:** CAMEIRÃO, Lurdes (org.), *Epistolário Espanhol de Teixeira de Pascoaes (Cartas de intelectuais espanhóis a Teixeira de Pascoaes)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2010; CATROGA, Fernando, “O voo d’ *A Águia* ao amanhecer da República”, *A Águia e a Renascença Portuguesa no Contexto da República 1910/2010* (Org. de Arnaldo de Pinho e Celeste Natário), Porto, Univ. do Porto e Universidade Católica Portuguesa, 2011, pp. 11-17; COELHO, Jacinto Prado, *Renascença Portuguesa, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 3º vol., Lisboa, Verbo, 1964; CUNHA, Norberto Ferreira da, “A Génese da *Renascença Portuguesa* perante a crise política e moral da I República”, *Crises em Portugal nos séculos XIX e XX*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002, pp.151-178; FRANCO, António Cândido, “António Sérgio e Teixeira de Pascoaes ou o Conflito Cultural Português”, *António Sérgio: Pensamento e Acção*, vol. 1, INCM, 2004, pp. 139-162; GOMES, Pinharanda, *A Renascença Portuguesa - Teixeira Rego*, Lisboa, Biblioteca Breve, ICLP, 1984; GOMES, Pinharanda, *Renascença Portuguesa, Dicionário de Filosofia Portuguesa*, Lisboa, Publi. D. Quixote, 1987, pp. 204-207; LAMAS, Maria Ferreira da Cunha, “Cruzando a literatura e a história em Teixeira de Pascoaes”, *Actas do Colóquio Internacional Literatura e História*, vol. 1, Porto, 2004, pp. 329-336; LOURENÇO, Eduardo, *O Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português*, 2.a edição, Lisboa, D. Quixote, 1982; MATOS, Sérgio Campos, “A Renascença Portuguesa - consciência histórica e intervenção cívica: 1911-1914” (Inédito); OLIVEIRA, Paulo Motta, “A Águia”, in



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Fernando Cabral Martins (coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 27-32; PIRES, Daniel, “A Águia”, *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do séc. XX (1900-1940)*, Lisboa, Grifo, 1996, pp. 40-49; SÁ, Victor de, “A Águia”, *Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, vol. I, Iniciativas Editoriais, 1977, p. 87; SAMUEL, Paulo, *A Renascença Portuguesa: um perfil documental*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1990; SAMUEL, Paulo, “A Águia e o movimento Renascença Portuguesa”, *Revistas, Ideias e Doutrinas. Leituras do Pensamento Contemporâneo*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003, pp. 129-134; SAMUEL, Paulo, *Teixeira de Pascoaes na Revista “A Águia”*, Porto, Caixotim, 2004.

Paulo Rodrigues Ferreira



APOIOS:

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

**BNP** BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO  
LUSO-AMERICANA